

# social

ATIVIDADES LUDICAS, RECREATIVAS E PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS EM BRINQUEDOTECAS ATENUAM IMPACTO DO TRATAMENTO ONCOLÓGICO INFANTIL

## Direito de brincar

Um dos mais importantes pensadores do século 20, Jean Piaget classificou o brincar na fase infantil como “uma forma de assimilar o real e adaptar-se ao mundo social dos adultos”. De acordo com o educador, nesse mundo do “faz de conta” a criança consegue suprir as suas necessidades afetivas e cognitivas.

Em momentos de fragilidade, quando é preciso enfrentar o tratamento oncológico, o brincar não representa somente um recurso lúdico que permite aos pequenos se ausentarem da realidade, mas também um apoio psicológico. Por meio do brincar, eles também podem retomar a sua rotina e desfrutar de novo do convívio social.

Há 11 anos, a Lei 11.104 determinou a obrigatoriedade de brinquedotecas em unidades de saúde, o que só passou a valer com a regulamentação da lei – *ver box*. Porém, antes disso, muitos hospitais já haviam despertado para a importância da hora de brincar em meio às sessões de rádio e quimioterapia.

Os 120m<sup>2</sup> da brinquedoteca Brincar é Viver, do Hospital do Câncer em Uberlândia (MG), recebem, em média, 12 crianças diariamente. Ao chegar à unidade, elas se dirigem aos chamados “cantinhos específicos”, onde encontram brinquedos e jogos, e também a outros espaços destinados à biblioteca e informática. No ambiente repleto de cores, as crianças são incentivadas por funcionários e voluntários com diferentes formações a se divertir, o que as deixa mais calmas para os procedimentos.

Atividades de apoio pedagógico, artístico e cultural, coordenadas por um profissional formado em Psicologia e com especialização em Psicopedagogia, possibilitam a realização de oficinas. Nas chamadas

Criates, os pacientes aprendem a produzir brinquedos com materiais recicláveis, o que estimula a imaginação dos pequenos e desenvolve sua coordenação motora e consciência ambiental. Outras oficinas, como as de fotografia e pintura, também acontecem no local.

Datas como Halloween e festa junina são comemoradas na brinquedoteca, que recebe decoração temática. A equipe organiza também eventos fora do ambiente hospitalar, como na Páscoa, no Dia das Crianças e no Natal, realizados em salões de festa, em espaços amplos, devidamente decorados e com direito a doces e bolos. E, em alguns casos, a ação da brinquedoteca se estende à casa do paciente, por meio do atendimento pedagógico domiciliar, composto por cinco profissionais (quatro pedagogos e uma psicopedagoga).

No momento, a brinquedoteca conta apenas com o apoio financeiro do Guaraná Mineiro, classificado como “investidor solidário”, categoria em que o empresário escolhe um projeto específico de atuação.

### PIONEIRISMO PAULISTANO

O Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (Graacc), de São Paulo, é pioneiro na adoção da brinquedoteca como um importante aliado no tratamento oncológico infantil. Criado em 1998, o espaço registra um balanço positivo nestes 18 anos. “Para nós, todos os pacientes infantis são crianças que gostam de brincar como quaisquer outras. Por isso, pensamos em atividades que agradem a todas, independentemente do fato de estarem doentes”,

No Hospital de Câncer do Acre, o tratamento ocorre também entre sorrisos



diz a coordenadora Patrícia Pecoraro. “É muito mais fácil trazer os pacientes para o tratamento com uma brinquedoteca completa, pensada e idealizada para esse fim”, acrescenta.

Fruto de parceria entre o Graacc e o Instituto Ayrton Senna, a Brinquedoteca Terapêutica Senninha é considerada pelos profissionais que nela trabalham como “a grande sala de espera”. Logo que chega ao hospital do Grupo, o Instituto de Oncologia Pediátrica (mantido em conjunto com a Universidade Federal de São Paulo – Unifesp), a criança é encaminhada à brinquedoteca. O objetivo é diminuir a ansiedade que antecede os

“Pensamos em atividades que agradem a todas [as crianças], independentemente do fato de estarem doentes. A ideia é tornar a brinquedoteca um espaço dentro do hospital onde a criança pode escolher o que fazer, ao contrário dos outros lugares, em que escolhem por ela”

**PATRÍCIA PECORARO**, coordenadora da Brinquedoteca Terapêutica Senninha (Graacc)

Divulgação



Os pacientes são estimulados a se divertir no Hospital do Câncer em Uberlândia

Ana Mussalém



Com mais de 1.500 itens, a Brinquedoteca Terapêutica Senninha ocupa um andar inteiro do hospital do Graacc

procedimentos aos quais será submetida. No espaço, o paciente encontra uma variedade de brinquedos e atividades, além de mais de 1.500 itens para empréstimo, como tablets, DVDs portáteis e filmes. Também são desenvolvidas brincadeiras livres, jogos, oficinas de artes, contação de histórias, música, teatro e sapateado.

Os dois funcionários e as 45 voluntárias têm formação universitária e experiência com crianças, pré-requisitos para que a brinquedoteca seja, nas palavras de Patrícia, “um espaço vivo, rico e brincante”. A parceria de mais de 20 anos com o Instituto Ayrton Senna contemplou a reforma de um andar inteiro do hospital para abrigar a brinquedoteca, além de treinamento e capacitação de vários colaboradores que nela atuam. Tudo isso tendo como alvo a humanização hospitalar. “A ideia é tornar a brinquedoteca um espaço dentro do hospital onde a criança pode escolher o que fazer, ao contrário dos outros lugares, em que escolhem por ela”, salienta a coordenadora.

## NO HOSPITAL TAMBÉM SE APRENDE

Não são poucas as histórias de ajuda no enfrentamento da doença pelo ato de brincar. Uma delas vem do Hospital de Câncer do Acre, contada pela gerente-geral da unidade, Mirza Vany Mesquita Félix. Um menino de 12 anos, a quem Mirza prefere chamar de Antônio, era tímido, triste e introspectivo, mas havia um jogo que lhe arrancava o sorriso: damas. E foi por meio dessa brincadeira que ele ganhou novo ânimo no tratamento de um câncer ósseo e passou a interagir não só com outros pacientes, mas com os pais de seus colegas, desafiando-os e vencendo-os no jogo. “Por fim, Antônio era um garoto renovado. Sorria, brincava e conversava, apesar de tímido. Seu sorriso e o talento no jogo de damas ficaram gravados na memória de muitos que frequentam o hospital”, lembra Mirza.

Inaugurada em 2013, a brinquedoteca Sarah Assis Felício foi construída e vem sendo mantida por doações de empresários do setor industrial do Acre. O espaço dispõe de um amplo salão, onde ficam os brinquedos, televisão e computador, além de sala de aula, banheiros e copa. Diariamente, de 10 a 15 crianças frequentam o local. Os pacientes são atendidos por quatro professoras, todas cedidas pela Secretaria de Educação do estado, onde trabalhavam com coordenação especial e crianças com deficiência. No total, estão cadastradas no hospital – e, automaticamente, na brinquedoteca – 100 crianças, em tratamento ou que já concluíram o ciclo e fazem retorno semanal, quinzenal, mensal ou anual.



No INCA, pacientes internados participam das atividades conforme suas condições clínicas

“A criança hospitalizada tem desejos e medos. O ato de brincar no ambiente hospitalar resgata os jogos simbólicos, em que o faz de conta ocupa um lugar importante”

**MIRZA VANY MESQUITA FÉLIX,**  
gerente-geral do Hospital de Câncer do Acre

Nesse espaço, os pacientes têm acesso a uma infinidade de brinquedos: bonecas, carrinhos, velocípedes, bolas e jogos de tabuleiro, de montar e de mesa, além de computadores e revistas de histórias em quadrinhos. Tudo para estimular a imaginação e esquecer o ambiente hospitalar. Também são trabalhadas a coordenação motora, a percepção espacial e as emoções, como forma de tornar o tratamento menos traumático. “A criança hospitalizada tem desejos e medos. O ato de

brincar no ambiente hospitalar resgata os jogos simbólicos, em que o faz de conta ocupa um lugar importante”, explica Mirza.

Na brinquedoteca, as crianças também desenvolvem atividades escolares e podem ser alfabetizadas. Existem ainda sessões semanais com contação de histórias folclóricas e bíblicas. No Dia das Crianças e no Natal, algumas instituições e pessoas físicas promovem festas para os pacientes, com doação de presentes e lanche. O hospital mantém um programa de madrinhas, que ficam encarregadas de fornecer material didático e brinquedos para o espaço.

## ATIVIDADES INCLUEM OS ADULTOS

No Hospital do Câncer I (HC I), do INCA, existem dois espaços voltados para o paciente oncológico infantil. O primeiro, a sala de recreação, é coordenado por voluntários e destina-se às crianças em tratamento ambulatorial (vão ao hospital fazer o tratamento e voltam para casa). Já na brinquedoteca, orientada pelas terapeutas ocupacionais Livia Cooper e Mariana Simonato, as crianças internadas participam das atividades do espaço de acordo com suas condições clínicas. Caso estejam inviabilizadas por algum motivo, as profissionais vão até o leito.

Para acompanhar o estado de cada criança, logo pela manhã, Livia e Mariana passam nas enfermarias. Essa troca com as equipes médica e de enfermagem permite saber a condição de cada uma e ver quem pode brincar naquele dia. A partir daí, é feita uma lista com nome, diagnóstico e a programação médica do dia. Se o paciente está em jejum para fazer alguma cirurgia ou exame, mas puder ser transportado até a brinquedoteca, o maqueiro do hospital faz a locomoção.

O espaço atende, em média, 36 crianças por dia. Elas têm à disposição bonecas, carrinhos,

“A criança não deixa de ser criança quando vira paciente. E nós dizemos aos pais que, se ela brinca em casa, tem que continuar brincando no hospital”

**LIVIA COOPER**, terapeuta ocupacional do HC I/INCA



Na FMABC, a brinquedoteca no ambulatório espanta a tensão e a chaticice

dinossauros, bolas, instrumentos musicais, jogos interativos, de montar e eletrônicos. Os materiais trabalham o desejo da criança, que, muitas vezes, chega tímida ao local. Para isso, Livia e Mariana procuram conhecer os gostos de cada uma e trabalhar sua confiança. Mas elas reiteram que brincar ou não fica a critério do paciente. O importante é que os pequenos se sintam à vontade. “A criança não deixa de ser criança quando vira paciente. E nós dizemos aos pais que, se ela brinca em casa, tem que continuar brincando no hospital”, destaca Livia.

Os pais também são incluídos no atendimento. Eles, muitas vezes, participam de brincadeiras e atividades. Duas que agradam dos 8 aos 80 anos são pintura e confecção de pulseiras e chaveiros de contas. Todo o material utilizado vem de doações ao INCAvoluntário. O mobiliário e alguns equipamentos da sala foram doados pelo laboratório Sanofi Aventis.

## INTERAÇÃO A PARTIR DA MÚSICA

A brinquedoteca do Ambulatório de Oncologia Pediátrica da Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), em São Paulo, foi montada em 2014 com a finalidade de potencializar a principal atividade

“Em nosso dia a dia, pode-se dizer que o brincar prepara com alegria nossas crianças e seus familiares para as consultas e as sessões estafantes de quimioterapia”

**JAIRO CARTUM**, oncologista pediátrico da FMABC

da criança, o brincar, enquanto aguarda a consulta. Coordenado pelo oncologista pediátrico Jairo Cartum e pelas terapeutas ocupacionais Natasha Carreño, Marjorie Heloíse Masuchi e Andreia Zarzour Abou Hala Corrêa, o espaço conta com bonecas, carrinhos, móveis, quebra-cabeças, jogos e peças de encaixe. Todos doados pela empresa de brinquedos Mattel/Fisher Price.

A parceria possibilitou a montagem de uma brinquedoteca dentro do ambulatório, com o desafio principal de promover a interação social das crianças. De acordo com Cartum, muitas queriam brincar sozinhas ou somente com uma criança específica. Com a descoberta de um ponto em comum entre elas, a música, todas se uniram nas brincadeiras e passaram a colaborar no repertório musical, trazendo novidades de casa.

O espaço também favorece que a criança manifeste suas potencialidades e necessidades lúdicas, por meio de jogos variados e materiais que estimulam a criatividade. Toda semana acontecem sessões com palhaços, *pet* terapia (visita de animais de estimação) e, com participação de familiares, oficinas de música e de artesanato.

Alguns recursos utilizados durante as brincadeiras facilitam a aceitação dos procedimentos. Usar uma boneca para que a criança conheça o local de sua doença torna mais fácil a hora de colocar o acesso venoso para injetar a medicação, por exemplo. “Em nosso dia a dia, pode-se dizer que o brincar prepara com alegria nossas crianças e seus familiares para as consultas e as sessões estafantes de quimioterapia”, relata Cartum. ■

## TÁ NA LEI

*O brincar é reconhecido pela Convenção Internacional dos Direitos da Criança, em seu artigo 31, e pelo artigo 227 da Constituição Federal. Já a regulamentação da Lei nº 11.104/2005, em 2015, tornou obrigatória a instalação de brinquedotecas em unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. De acordo com a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBri), essa lei, além de ser um avanço para as crianças que se encontram internadas em hospitais, representa também um reconhecimento à importância do profissional brinquedista.*

*Membro do Conselho da ABBri e coordenadora do Serviço de Psicologia da Saúde de São Caetano (SP), Rosely Perrone realizou alguns estudos sobre o lúdico na saúde. A pesquisadora relata que o adoeecer traz graves prejuízos para o desenvolvimento biopsicossocial da criança, sobretudo a internada. Entretanto, em estudos que desenvolveu entre 2011 e 2014 na brinquedoteca de um hospital infantil público de São Caetano, ela constatou que a brincadeira compensa e reequilibra o organismo em situações de frustração, tensão e conflito. Além disso, o brinquedo “aumenta as defesas imunológicas da criança, facilitando a recuperação da alegria inerente à infância, e promove uma evolução clínica favorável, o que diminui o tempo de internação”.*

*De acordo com o pediatra Drauzio Viegas, referência nacional em brinquedoteca e humanização, a presença desses espaços nos hospitais tem sido uma peça fundamental no tratamento oncológico infantil. “As brinquedotecas mantêm o desenvolvimento social, mental e educacional, facilitando procedimentos e tratamentos médicos, mesmo os mais complexos. Também tranquilizam familiares e acompanhantes, aumentando a frequência de retornos para seguimento médico”, afirma.*